

# **Desenvolvimento Comunitário: das Teorias às Práticas**

**Turismo, Ambiente e Práticas Educativas  
em São Tomé e Príncipe**

## **ORGANIZADORES**

Brígida Rocha Brito (Coord.)

Nuno Alarcão

Joana Marques

## Ficha Técnica

**Título:** Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas  
Turismo, Ambiente e Práticas Educativas em São Tomé e Príncipe

**Organizadores:** Brígida Rocha Brito (Coord.); Nuno Alarcão; Joana Marques

**Colaboração:** Joaquim Pinto; Bastien Loloum; Ana Sofia Alarcão; Fernanda Alvim

**Autores:** Adelina Pinto, Ana Cristina Palos, Ana Cristina Silva, Antónia Barreto, António Guedes, António Martelo, António Rodrigues, Araceli Serantes Pazos, Arlindo de Carvalho, Bastien Loloum, Brígida Rocha Brito, Bruno Silva, Carlos Vales, Céu Teiga, Cláudia Silva, Conceição Afonso, Danilo Barbero, Drausio Annunciato, Eleutério da Assunção, Eugénia Gonçalo, Eva Vidal, F. Veloso-Gomes, Germán Vargas, Irene Nunes, Isabel Rodrigues, Isaura Carvalho, Ivanete Nardi, Joana Marques, João Martins, Joaquim Ramos Pinto, Jorge de Carvalho, Jorge Bom Jesus, Luís Mário Almeida, Luís Moita, Manuela Cardoso, Márcia Moreno, Marcela Sobral, Mariana Roldão Cruz, Maria Teresa Andresen, Mariana Carvalho, Mário Freitas, Miguel Silveira, Nora Rizzo, Nuno Alarcão, Pablo Meira, Pedro Morais, Pedro Teiga, Rafael Branco, Raquel Lopes, Rogério Roque Amaro, Rosa Madeira, Vítor Reis, Xavier Muñoz y Torrent, Yossene Santiago

**Revisão:** Equipa do Projecto PTDC/AFR/69094/2006, Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE)

**Financiamento e Apoios:** FCT, CPLP, Delta

**Organização do Seminário:** Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE); Direcção-Geral do Ambiente e Direcção de Turismo da República Democrática de São Tomé e Príncipe; Associação Internacional de Investigadores em Educação Ambiental (NEREA-Investiga)

**Outros Apoios no âmbito do Seminário:** FCT, Fundação Luso-Americana, Fundação Calouste Gulbenkian, CEIDA, TAP Portugal, BANIF, Câmara Municipal de Lisboa, Culturália

**Local:** Lisboa

**Ano:** 2009

**1.ª Edição** (Janeiro 2009)

**Tiragem:** 400 exemplares

**Capa e Maquetização:** Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.

**Edição:** Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.  
Rua Joaquim Casimiro 6, 4.º Dt.º, 1200-696 Lisboa  
e-mail: gerpress@sapo.pt

**Depósito Legal:** 287.969/09

**ISBN:** 978-989-96094-0-2

## **Turismo Solidário. Escola de Artes e Ofícios de Diogo Vaz**

Nora Rizzo (Arquiteta, Coordenadora do Projecto, Vice-Presidente da Natcultura)

### **1. Apresentação do Projecto**

A Escola Não Formal é um projecto que a Associação Natcultura está a implementar desde o ano de 2001 na Roça de Diogo Vaz, no norte de São Tomé. Esta Escola de Formação trabalha com jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos que não têm possibilidades de se inserir no ensino oficial, nem têm outras opções de formação no Distrito.

No primeiros anos iniciou-se o processo de alfabetização, ao mesmo tempo que se incorporaram formações nas áreas de agricultura, apicultura e criação de animais. O trabalho com artesanato foi uma forma de possibilitar que os jovens obtivessem um rendimento que garantisse não só a sua continuidade na Escola mas que contribuísse igualmente para melhorar as condições de vida do grupo familiar. No ano de 2003 iniciou-se o sistema de internato e incorporaram-se outras formações, tendo em conta as necessidades sentidas a nível do Distrito, com o objectivo de, no futuro, facilitar a inserção dos jovens no mercado de trabalho local, evitando a desintegração familiar e social e o êxodo das zonas rurais. Com este critério as formações foram orientadas para os ofícios da construção e adicionou-se um curso de confecção de pão permitindo a abertura de uma padaria que não só beneficia os alunos mas também a comunidade de Diogo Vaz onde este produto é hoje vendido diariamente. Actualmente este empreendimento é auto-sustentável e possibilita um rendimento económico para os dois alunos responsáveis pela padaria.

No ano de 2006, e devido às necessidades sentidas pelos alunos e pela comunidade, iniciaram-se as aulas de informática e de costura, assim como as actividades vocacionadas para o turismo solidário. Todas as actividades promovidas e realizadas complementam-se umas com outras e todas elas tendem à auto-sustentabilidade da Escola. Em 2007 a Escola diversificou o seu âmbito de actuação e surgiu então o Centro Comunitário onde se passaram a realizar periodicamente actividades recreativas, formativas, de divulgação de programas de saúde, possibilitando acções viradas para os campos de férias

### **2. Turismo Solidário**

O Turismo Solidário é uma modalidade sem fins de lucrativos em que o visitante se integra nas actividades quotidianas da Escola e combina o ócio criativo com as acções

solidárias que podem ou não incorporar formação sistematizada, dependendo de alguns factores como as características do visitante, a língua, a idade, o tempo de permanência na Escola. Assim o visitante contribui com o seu esforço, as suas ideias e os seus conhecimentos, melhorando as condições de vida dos intervenientes neste processo. Esta participação activa na Escola e na comunidade promove a solidariedade entre os alunos e os visitantes e favorece o seu intercâmbio cultural.

O Turismo Solidário, mais do que um serviço de hotelaria, é uma opção que proporciona ao visitante um conjunto de experiências únicas e de novas sensações, que possibilita uma simbiose enriquecedora entre alunos, população local e turistas, fazendo com que estes entendam melhor a realidade rural e as necessidades locais. É uma experiência altamente positiva e enriquecedora para os alunos, para a comunidade e sobretudo muito gratificante para os visitantes.

Os objectivos do Turismo Solidário consistem em melhorar as condições de vida dos alunos e da comunidade local, promover a auto-sustentabilidade da Escola, incorporar novas formações, promover novos postos de trabalho, facilitar o surgimento de auto-empresendimentos produtivos na comunidade local, revalorizar a cultura local, conhecer mais profundamente as potencialidades paisagísticas e turísticas da região e revalorizar as actividades produtivas do Distrito.

O Turismo Solidário iniciou-se de maneira informal com o acolhimento de jovens santomenses que visitavam ou passavam os fins-de-semana e que co-participavam com os alunos nas tarefas próprias da Escola e nas actividades desportivas e recreativas. Posteriormente a Escola começou a receber visitantes santomenses e estrangeiros residentes no país que participavam em acções de formação ou que colaboravam com a Escola nas actividades do dia-a-dia. Com o passar do tempo os turistas vindos do estrangeiro foram integrados no turismo rural. De forma paralela, são ensinadas noções básicas sobre hotelaria, gastronomia, guias de turismo, preservação do meio ambiente e do património cultural, realizando assim os primeiros avanços no que diz respeito às possibilidades de interacção com a comunidade local.

As actividades com os turistas realizam-se em função do perfil do visitante e nunca são as mesmas. Cada pessoa, cada grupo, tem as suas particularidades. Na Escola, o turista pode participar na produção de artesanato, trabalhos na horta, cozinha e confecção de refeições, jardinagem, confecção de pão, limpeza da Escola, actividades relacionadas com a melhoria do edificio, desporto, música e dança. Fora do âmbito da Escola organizam-se visitas à empresa agrícola onde os visitantes têm um primeiro contacto com a população local e a possibilidade de conhecer a beleza da arquitectura colonial da roça. Na visita às plantações de cacau, os turistas podem receber noções básicas relativas à produção e

à transformação do cacau e poderão conhecer as instalações da roça. Outra alternativa, dependendo do número de dias em que o turista resida na Escola e da disponibilidade de transporte, é visitar o Distrito. Assim, pode conhecer a fábrica artesanal de aguardente de cana, a aldeia de pescadores de Santa Catarina e receber explicações sobre as técnicas de pesca artesanal. Os mais aventureiros poderão ainda realizar um passeio com os pescadores e, na cidade de Neves, experimentar e degustar a gastronomia local. A nível paisagístico as opções serão visitar Ponta Furada, a cascata de Ponta Figo, os depósitos de água, as praias e o pelourinho de Anambó, que simboliza a chegada dos portugueses à ilha de São Tomé.

A presença dos turistas nas comunidades favorece a revalorização da cultura local, das actividades produtivas e estimula um maior e mais aprofundado conhecimento do Distrito, das pessoas, da cultura, da flora, das belezas paisagísticas, da História.

A nível económico o Turismo Solidário é uma alternativa criativa e inovadora que permite pensar no futuro da Escola com critério de sustentabilidade. Na comunidade local o impacto do turismo já está a dar os seus primeiros frutos com o surgimento de alguns empreendimentos económicos que possibilitam a criação de novos empregos e o surgimento de actividades paralelas que complementam o trabalho habitual, seja agricultura, pesca, criação de animais ou outro. O turismo promove um rendimento a mais, reforça as actividades tradicionais sem as substituir, possibilita ao trabalhador obter rendimentos em períodos de pouca actividade na roça, na pesca, na produção de aguardentes e permite que as pessoas possam continuar a viver nos seus lugares e a melhorar as suas condições de vida. É sustentável socialmente uma vez que os benefícios ficam na população, que assim tem condições para melhorar a sua qualidade de vida, e culturalmente porque as pessoas continuam com a sua identidade, as suas tradições e revalorizam a sua cultura

### **3. Reflexões finais**

Actualmente estamos na etapa de formalização e sistematização do Turismo Solidário na Escola que está a ser incorporado de forma gradual e sempre em pequena escala a fim de permitir uma melhor interacção entre os alunos e a população local. À medida que os jovens ganharem confiança nos diferentes serviços prestados aos turistas passarão a acolher grupos mais numerosos. Ao mesmo tempo serão promovidas e realizadas formações e melhorias nas infraestruturas. O Turismo Solidário não é um sector isolado da Escola, integra-se no conceito de desenvolvimento rural integrado através da criação dum pólo de desenvolvimento Escola-Centro Comunitário-Centro de Artesanato-Turismo Solidário. Todos se complementam mutuamente. Estamos cientes que muita coisa existe ainda por fazer. O certo é que estamos no bom caminho.